

**Universidade de São Paulo**

**Escola de Engenharia de São Carlos- EESC**

**Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo**

## **Habitação e modos de vida na Fazenda São Roberto (1889-1950)**



Fachada da casa de morada

Foto Joana D'arc 2005

**Disciplina: Habitação, metrópoles, modos de vida**

**Prof. Dr.: Marcelo Tramontano**

**Aluna: Joana D' arc de Oliveira**

**São Carlos, 2006**

## Resumo

---

Propõe a análise da nova configuração espacial e social implantada na fazenda São Roberto, no momento em que a indústria, a ferrovia e nova força de trabalho trouxeram novos materiais, novas técnicas e novos modos de vida para esta propriedade, transformando assim, sua configuração social e espacial. Para tal serão analisados o acervo documental (fotografias, plantas, mobiliário, etc.) e o acervo arquitetônico (casa de morada, capela, jardim, casas de colono, etc.) desta propriedade, bem como bibliografia referente à abordagem proposta.

Palavras Chave: Arquitetura. Modo de vida. Modernidade.

## Introdução

---

A partir da segunda metade do século XIX, o Brasil passou por grandes mudanças que englobaram o desmonte da produção escravocrata e a implantação da produção baseada na mão-de-obra assalariada. A elite cafeeira, embarcada no crescimento capitalista, entrou num processo sem precedentes de modernização e aristocratização, que resultou na mudança do conceito de terra, no desenvolvimento do uso de máquinas e na implementação do transporte ferroviário. Bebendo na vida cultural européia, essa camada social redecorou suas maneiras de viver e de morar.

Em São Paulo, a influência portuguesa foi substituída principalmente pela francesa. Atrás dessas influências e mudanças, estava o ideário moderno liberal republicano, vindo da Europa durante todo o século XIX e que, em São Paulo, entrou principalmente pelas portas da Faculdade de Direito. Em suas visitas à Europa, os brasileiros conheciam o modo de vida, a arquitetura, a moda e as novidades da indústria. As idéias e princípios estéticos encontrados pelos jovens paulistas em suas viagens nortearam as mudanças de gosto das moradias na cidade e tais mudanças foram levadas também para suas propriedades rurais.

Cabe-nos analisar quanto desses elementos de modernidade<sup>1</sup> foram incorporados pela elite cafeeira no final do século XIX e início do XX e em que medida foram levados às suas propriedades rurais. Além de conceitos estéticos

---

<sup>1</sup> O termo modernidade foi empregado ao longo do trabalho e refere-se exclusivamente às novidades introduzidas no período abordado.

europeus, nessas fazendas foram adotados princípios do Capitalismo europeu no que se refere às relações de trabalho. Segundo Celso Furtado, nesse período, as fazendas cafeeiras foram transformadas em verdadeiras empresas capitalistas.

Desta forma, o que se propõe é uma análise transversal entre habitação e modos de vida, por meio de um estudo de caso, de uma significativa propriedade agrícola, que adotou no período enfocado, novas formas de morar e novas maneiras de viver, para então, entender possíveis relações entre modificações espaciais e modos de vida.

## Fazenda São Roberto - Panorama Histórico

---

Localizada no município de São Carlos e com parte de suas terras em Ibaté, esta propriedade foi formada em 1865 pelo Major Joaquim Roberto Rodrigues Freire e vendida ao Tenente Coronel Sabino Soares de Camargo, proveniente do município de Araras, em 1874. Nesse ano a fazenda já contava com benfeitorias como casa de morada, engenho de cana e cafezal.

Com o fim do trabalho escravo e a introdução do trabalho assalariado no final do século XIX, assim como muitas fazendas de café do oeste paulista, esta propriedade foi organizada aos moldes das vilas operárias da Europa, contando em 1904 com 30 trabalhadores nacionais, 150 estrangeiros e 70 moradias organizadas em três colônias. De acordo com as estatísticas desse mesmo ano, a fazenda possuía 290 alqueires paulistas, sendo destes, 150 de área cultivada, 30 em mata, 20 em capoeira, 80 em campos e 10 em brejo. Sua plantação era composta por 300.000 pés de café com uma produção anual de 12.000@.

Após a morte de Sabino, em 1903, seu filho José Franco de Camargo ao lado da mãe Antonia da Silveira Franco, assumiu a direção da propriedade. A partir de então, a fazenda passou por várias adaptações como, reformas da casa da sede, construção da tulha, melhoramentos nos equipamentos de produção, construção da capela, construção da casa do administrador.

De modo geral, as idéias modernas e as mudanças concretas modificaram a arquitetura das fazendas, desde a distribuição dos espaços até a criação de

novos programas. Para abrigar os colonos nasceram as colônias, para o beneficiamento do café foram desenvolvidas novas máquinas, mais eficientes, e para abrigá-las nasceu uma edificação especial, chamada casa de máquinas, os terreiros foram melhorados e a casa de morada do fazendeiro passou por significativas transformações que resultaram dos novos conceitos de privacidade, domesticidade, valorização da família, valorização da máquina e da produção, difundidos no país nesse período.



Isolina e José Franco de Camargo, proprietários da fazenda.  
(Acervo particular)

## Conjunto arquitetônico cafeeiro

---

As fazendas de café, no oeste paulista, eram formadas por quatro grupos de edificações com espaços e funções bem definidos: a casa de morada do fazendeiro; o conjunto de beneficiamento; a colônia e a capela.

Racionalidade, funcionalidade e solidez se aplicavam a todos os edifícios do conjunto arquitetônico. Somente a casa de morada recebia uma decoração e ornatos que, em alguns casos, se estendiam à capela e ao edifício de beneficiamento. Porém as casas dos colonos se caracterizavam pela simplicidade, guardando muitas semelhanças com as casas das vilas operárias européias. “Essas grandes fazendas se assemelham aos conjuntos das grandes fábricas que foram construídas na Europa no final do século XIX” (Ceribelli, p. 125)

## Casa de Morada no oeste cafeeiro

---

*“A morada é elemento da organização social, que ao longo do tempo incorpora significados diversos”*

*Telma de Barros Correia.*

Segundo Gilberto Freire, a moradia expressa os gostos, os hábitos e os costumes de seus proprietários, e esses estão extremamente ligados aos contextos sociais, políticos e econômicos em que vivem. Por meio de sua análise podemos reconstruir a história de um povo, entender sua cultura, traçar sua trajetória.

Até o século XIX, a idéia de casa não ia muito além do significado de abrigo contra as intempéries da natureza, a partir de então, segundo Telma de Barros, outros significados foram incorporados à casa, suas condições sanitárias foram questionadas e seu papel na produtividade do trabalho foi discutido. (2004, p.47) Assim a casa ganhou outros significados, dentre eles, a noção de moradia como santuário doméstico e espaço sanitário, ou seja, lócus de fortalecimento da vida familiar, da domesticidade. Para Catherine Hall, nesse período a família emerge como alicerce da vida. A casa passa a ser além de abrigo, espaço de paz onde seus donos exercem controle sobre aqueles que estão sob sua responsabilidade. (p. 56)

O ideário burguês se impunha pregando as noções de conforto, privacidade, racionalidade, funcionalidade, além da necessidade de solidez das edificações, bem como da decoração. As casas de morada das fazendas do oeste paulista, embora mantendo alguns elementos antigos como os porões e as

varandas, influências da arquitetura rural mineira, passaram a se reorganizar dentro desses novos princípios.

Nesse período, buscou-se para as moradias as inovações técnicas que pudessem responder às noções de privacidade e de conforto difundidas pela burguesia. O mesmo se deu com as casas de fazendas que, no rumo da "modernização", passaram a ser construídas de alvenaria de tijolos, foram escolhidos outros espaços para implantação, as casas foram revestidas de ornamentos, implantadas em meio a jardins e pomares, ou seja, circundadas por muros simbólicos que garantiriam a privacidade e o bem estar da família proprietária.

No período anterior, as habitações, tanto rurais quanto urbanas, eram caracterizadas pela simplicidade e pela homogeneidade, como salienta Benincasa. O que diferenciava a casa do rico era o número de cômodos, porque a rusticidade do mobiliário assim como a simplicidade da moradia eram comuns a todos. Nesses novos tempos, elas passaram a ter a heterogeneidade e o ornato por característica. A nova casa tem papel de parede com bossagens, cunhais trabalhados em relevo, em forma de pilastras, painéis de pintura. Ganham cimalhas e platibandas. Os lambrequins alastraram-se, imitando o ferro em motivos e formas (Benincasa, 2003).

A divisão da casa também mudou, apareceram novas salas e salões, banheiros, salas de banho, gabinetes com curiosidades trazidas das viagens

ao exterior, salas de bilhar. Mudaram também as pinturas, pisos, portas, janelas e forros.

A nova casa de morada está alocada em posição de destaque, no meio de um parque ajardinado. Mantém uma boa distância das demais edificações para manter sua privacidade. Está separada do espaço religioso e do espaço do trabalho e da moradia dos trabalhadores, diferindo das casas das antigas fazendas cafeeiras que possuíam a senzala ao lado e capela ou altares internos.

De acordo com Rybczynski, o senso de intimidade doméstica que estava surgindo no século XVIII, foi uma das mais importantes invenções humanas, pois não afetava somente o ambiente físico, como também a consciência. (1996, p.61)

Segundo Lukacs, a domesticidade, a privacidade, o conforto, o conceito do lar e da família foram as principais conquistas da era burguesa.

A domesticidade é um conjunto de emoções sentidas, e não um único atributo. Ela está relacionada à família, à intimidade, à devoção do lar; assim como a uma sensação da casa como incorporadora – e não somente abrigo desses sentimentos (...) O interior não era só um ambiente para as atividades domésticas – como sempre havia sido - mas os cômodos, os seus objetos agora adquiriam vida própria. (Rybczynski, 1996, p. 85)

A casa tornou-se o ambiente da família, um lugar pessoal e íntimo, um lar e, aliado a esses conceitos, passou-se a buscar o conforto. De acordo com Rybczynski a moda de se interessar pelo interior doméstico pôde ser

observada em toda sociedade francesa e, em pouco tempo, essa preocupação chegou à morada da elite cafeeira.

Com relação ao estilo arquitetônico o fazendeiro do oeste paulista aderiu principalmente ao ecletismo, a expressão arquitetônica da burguesia em voga no século XIX europeu.

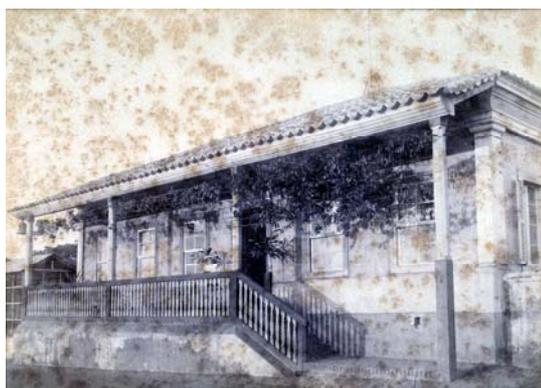
O quarto era o lugar reservado para os membros da família, era privado. A cozinha considerada lugar de rejeição, de acordo com Ceribelli, repleto de fumaça, de odores e de calor, foi para a extremidade da moradia, assim como os sanitários. Outros elementos da casa burguesa foram as salas de bilhar e as bibliotecas. Segundo Ceribelli, os fazendeiros procuraram o conforto, a privacidade e a intimidade, e para tal não mediram esforços, comprando e importando tudo que fosse necessário para a materialização de seus desejos. Nesse contexto a ferrovia assumiu papel de destaque já que garantia o transporte de novas técnicas, técnicos e materiais. O trem trazia e permitia o ideário burguês de viver e morar.

## Casa de Morada da Fazenda São Roberto

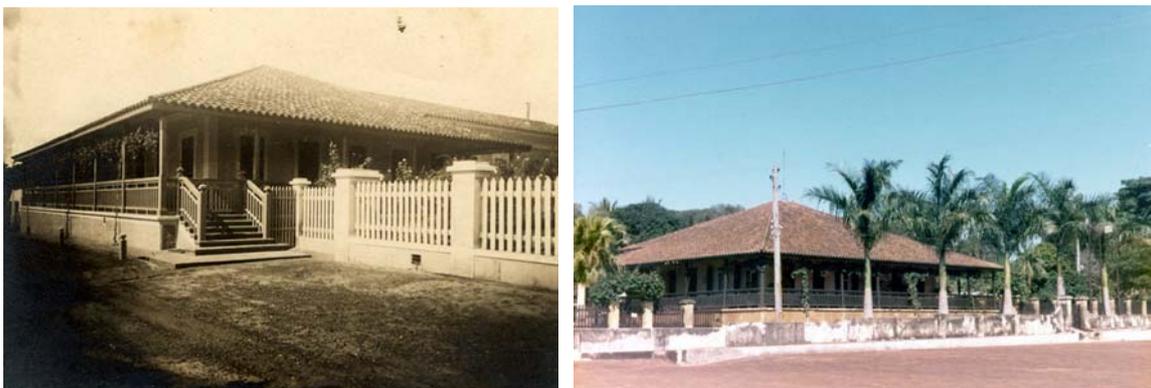
---

A casa de morada da Fazenda São Roberto foi construída em estilo eclético, em 1877 e adaptada aos ideais burgueses por meio de duas reformas, 1886 e 1927, sendo esta última, efetuada pelo escritório Severo e Vilarés, mesmo período em que Ramos de Azevedo projetou a capela da propriedade.

O telhado em quatro águas estende-se depois da empena da frente cobrindo o alpendre, espaço este reservado para o controle e fiscalização da propriedade pelo fazendeiro. A fachada principal é simétrica, com uma porta de duas folhas em madeira com bandeira envidraçada no centro. A bossagem é arrematada pelas datas de construção e reformas. Há ainda na fachada principal cinco janelas estilo veneziana em madeira na parte externa e veneziana envidraçada na parte interna, esse formato se repete em todas as janelas da casa.



Casa de morada antes da reforma de 1927 (Fonte: arquivo particular, sem data)



Nas imagens acima notamos a manutenção da herança da arquitetura rural mineira, como a varanda e o porão, mantida mesmo frente tantas novidades. (Fonte: Joana, 2005)

Segundo Maria de Lurdes, filha caçula de José Franco e Isolina Afonso de Camargo, na segunda reforma a varanda deixou de ser frontal e passou a circundar toda parte da casa referente à primeira construção, formando um “U”. Este espaço é arrematado por guarda corpo em madeira e piso de ladrilho cerâmico.

A casa já nas primeiras décadas do século XX, contava com boas instalações técnicas, encanamentos, instalações sanitárias, telefone, iluminação, tudo de acordo com o ideário burguês de moradia. Com exceção de um dormitório, todos possuem instalações hidráulicas, ou seja, um lavabo. As portas são almofadadas, em madeira, com bandeiras envidraçadas.

A casa de morada da Fazenda São Roberto foi implantada com a fachada principal voltada para Oeste. A planta em L organiza os cômodos de modo a permitir que, com exceção de um dormitório, todos recebam ar e luz natural. O acesso à casa se dá através de uma varanda que abraça a parte mais nobre da casa pelos lados Oeste, Sul e Norte. A casa circundada por jardins, muros

simbólicos, garantiam a privacidade da família, como podemos observar na fala da filha caçula do fazendeiro José Franco.

Somente os empregados da casa circulavam na casa e em suas dependências. Os empregados da fazenda chegavam até o portão não circulavam na casa, não passavam do jardim que servia como separação... (Maria de Lurdes, 2005)

Entra-se hoje na casa pela sala de estar, o cômodo central de um conjunto de três que formam a fachada principal, com dois dormitórios laterais. O espaço mais íntimo, composto por oito dormitórios ocupa as duas laterais do bloco principal da casa. Dois dormitórios pequenos, que não se ligam a outros quartos, eram possivelmente destinados a hóspedes. Exceto esses dois, os demais dormitórios têm ligação interna, sendo que dois deles só têm portas de acesso a outros dormitórios. A ligação interna entre dormitórios permitia o controle e a vigilância daqueles que estavam nestes espaços, além disso, garantia também privacidade possibilitando a circulação sem que se precisasse passar pelo espaço social. Com o desenvolvimento do ideário burguês de privacidade essas ligações entre os dormitórios foram estrategicamente fechadas por mobiliários.

O espaço social, composto pelas salas de estar e de jantar, se desenvolve no centro do bloco principal. As duas salas se ligam por um pequeno corredor que abrigava o aparelho telefônico. Três quartos se abrem para a sala de jantar e dois para a sala de estar.

A sala de jantar é um amplo espaço destinado ao convívio social, apresenta decoração refinada com mobiliário fabricado no Liceu de Artes e Ofício em

estilo Thonet. Tem barrado com motivos florais nas paredes e ostenta em sua cristaleira pratarias e cristais trazidos das viagens à Europa.

Segundo Maria de Lurdes (2005), a sala de jantar era reservada para os adultos, crianças não participavam das refeições ali realizadas. As crianças faziam as refeições na saleta contígua à sala de jantar. A saleta das crianças tem porta de acesso para o exterior e faz a ligação entre a sala de jantar e a copa, onde começa o espaço de serviço, que compreende, além da própria copa, o banheiro, a cozinha “suja”, a despensa e a rouparia.

Com o passar do tempo os pisos foram modernizados. Nos dormitórios e salas, piso de tábua corrida, estreita e bem lixada. Na cozinha, copa, banheiros e varanda, ladrilho hidráulico, piso de cimento industrializado, produzido em série, com formas e em máquinas. O ferro foi usado nas torneiras e fechaduras e nos suportes para pias e fogões. Os dormitórios ganharam instalações hidráulicas, a sala de refeições e a varanda foram ampliadas.

As idéias do projeto burguês de racionalidade, funcionalidade, conforto, privacidade, intimidade e solidez foram adotadas na fazenda São Roberto. A simplicidade da casa de morada solta no terreno com piso de terra batida foi substituída por um sólido casarão em estilo eclético, dotado de todos os equipamentos necessários ao conforto e privacidade da família, rodeado de jardins e pomar que além de conferirem um ar nobre à casa de morada garantem a privacidade dos moradores. Segundo Telma de Barros, a

privacidade dos lares burgueses promovia-se em casas de porões altos ou cercadas por jardins. (2004, p.55)





Vista interna Varanda (Joana, 2005)



Mobiliário Thonet (Joana,2005)



Sala de Jantar, mesa com sistema de campainha, garantindo a privacidade familiar nas refeições. (Joana, 2005)



Dormitório com lavabo (Joana, 2005)



Cozinha (Joana, 2005)



Jardim Lateral (Joana, 2005)

## Conjunto do beneficiamento

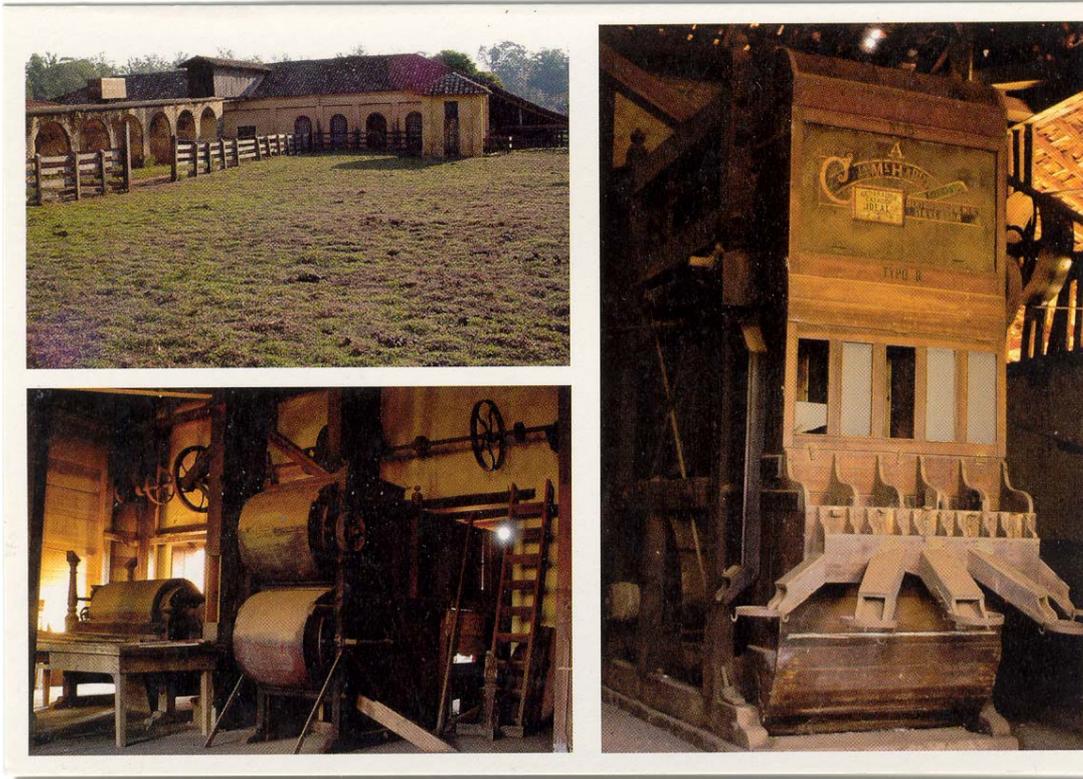
---

Até 1870, o benefício do café era realizado por maquinismos simples, de madeira, fabricados nas próprias fazendas, a partir de então esses equipamentos passaram por grandes progressos técnicos. Os fazendeiros procuravam máquinas que realizassem o máximo das etapas do beneficiamento como: despoldadores, secadores e classificadores, garantindo assim maiores e melhores produções. Nesse período, apareceram os despoldadores a vapor criados pelo alemão Ahrens e pelos ingleses e americanos Mac Hardy, Samuel Lidgerwood. Embora essas máquinas custassem caro, elas ocupavam menos espaço e o café tratado conseguia atingir uma qualidade maior e recebia melhores preços.

Os cafeicultores desse período possuíam em suas propriedades os equipamentos mais sofisticados da época. Na Fazenda São Roberto, o maquinário para o beneficiamento adquirido por José Franco de Camargo era da marca Mac Hardy e contava com todas as máquinas indispensáveis ao processo de beneficiamento do grão.

Para proteger esses equipamentos fez-se necessário a construção da casa de máquina, atrelada à tulha, sendo esta composta de cinco compartimentos em madeira, ambas construídas em taipa de mão e alvenaria de tijolos.

O terreiro de 12.000 m<sup>2</sup> teve seu piso de terra batida revestido por tijolos. Todos os melhoramentos necessários para garantir uma boa produção foram adotados no conjunto do beneficiamento nesta propriedade.



Em sentido horário, fachada da casa de máquinas e maquinário de beneficiamento Mac Hardy. (Joana, 2005)

## As colônias

---

Uma série de idéias e experiências novas norteou o cenário mundial, principalmente na Europa, no século XIX, para resolver os problemas de habitações para trabalhadores; ora habitações coletivas como o familistério de Godin em Guise, ora habitações unifamiliares, sendo estas de extrema importância para a nossa análise, já que apresentam parentescos com as colônias das fazendas cafeeiras.

As vilas operárias européias eram realizações patronais ou governamentais. Alguns industriais compreenderam as vantagens de garantir maior

produtividade de seus operários garantindo a estabilidade habitacional, já que esta permitia o controle e a domesticidade do trabalhador. Segundo Perrot, as vilas operárias eram o prolongamento da disciplina do fabrica.

A casa é um elemento de fixação. Daí o papel das vilas operárias na estratégia patronal de formação de uma mão-de-obra estável, das ideologias securitárias ou referentes a família (...) a residência é moral e política. (1992, p.308)

Todo esse desenvolvimento da idéia de casa para o trabalhador, operário, foi conseqüência da crença na importância da família para moralizar o trabalhador. De acordo com Hall, a família era o alicerce da vida cristã. (p. 58)

Segundo Cerbelli, as idéias que corriam na Europa da valorização da família e da casa para a moralização do trabalhador chegaram ao Brasil na mesma época dos colonos. Ao lado desse ideário, havia a necessidade concreta de alojar os imigrantes, e nas fazendas só existiam os alojamentos dos escravos, precários e coletivos.

Os fazendeiros mais progressistas e mais ricos logo buscaram modelos nas vilas operárias européias, porém, adaptadas ao clima e aos materiais locais e com influência das casinhas do Brasil Colônia. (Ceribelli, 1994,p.148)

Nesse contexto surgiram as colônias, que podem ser entendidas como o conjunto de casas para os colonos construídas nas fazendas de café, posteriormente ao fim da escravidão. O número de colônias variava de fazenda para fazenda e eram localizadas em pontos diferentes. Eram construídas próximo a cursos de água e dos cafezais, e sempre em lugares mais baixos, em relação à casa do patrão. Garantindo assim, segundo Benincasa, o destaque da casa grande.

Ao contrário do escravo, o colono não ficou em espaço fechado, porém seu horário de trabalho era controlado, primeiramente por toques de sino depois por relógios que foram alocados em locais de destaque nas fazendas. O mesmo se dava com seu tempo de lazer, repouso e sua liberdade de entrar e sair da fazenda, ou mesmo de receber visitas.

Assim como nas vilas operárias, as casas de colonos ficavam distante da casa do patrão, de acordo com a racionalidade moderna em separar patrões e empregados e garantir a privacidade dos primeiros. As moradias eram simples, singelas e padronizadas, tinham o telhado de duas águas com beiral. O número de cômodos variava entre dois e cinco, podendo estas ser isoladas ou geminadas. As casas da colônia eram cobertas de telhas sem forro. O chão era de terra batida ou “atijolado”. Rebocadas na parte interna e na externa e caiadas. Não tinham vidraças, na maioria delas a fachada era composta por uma porta e uma janela.

Apesar da simplicidade da moradia e do controle exercido pelo proprietário, a casa era a habitação do trabalhador livre, trabalhador familiar, conseqüência do ideário burguês de valorização da família e da casa.

No século XIX a casa passou a ser assunto da família, o lugar de sua existência, seu ponto de encontro. Passou a ser vista como símbolo de felicidade, conforto e bem estar.

## As colônias na Fazenda São Roberto

---

Na fazenda São Roberto, segundo a estatística de 1904, haviam 70 casas de colono divididas em três colônias, muitas das quais ainda existem. As moradias são simples, variando entre três e quatro cômodos. O telhado de duas águas, em telha e sem forro. A fachada é composta por uma porta e uma janela, ambas em madeira. Algumas delas são geminadas, outras soltas no lote. Em todas há um pequeno espaço para plantações particulares. Elas estão localizadas perto do curso d'água, em ponto mais baixo que a sede e bem distante desta.



Casas de colonos da fazenda São Roberto (Joana, 2005)

## A Capela

---

Elemento fundamental das fazendas cafeeiras, as capelas desempenharam papel de vigilância e controle sobre os trabalhadores. Funcionando como Panopticon<sup>2</sup> elas lembravam aos subordinados o olhar castigador divino. Com o desenvolvimento do conceito de privacidade difundido pela burguesia, o qual se estendeu, como já vimos, às fazendas de café do oeste Paulista, esse edifício deixou de ser alocado na casa grande passando a ocupar espaços distantes da casa de morada do proprietário.

Na fazenda São Roberto a capela foi projetada e construída de acordo com todos os requintes da época. Em estilo eclético, ela foi inaugurada em 1935, com o nome de Santa Terezinha.

O projeto do escritório Severo e Vilares demarcou a privacidade da casa de morada do fazendeiro e assegurou o controle proferido pela igreja sobre os empregados.



Capela 1935  
2005)

(Arquivo Particular)



Capela, vista frontal. (Joana,

---

<sup>2</sup> Nome usado por Michel Foucault para designar nas prisões o edifício central que tudo olha e tudo vê.

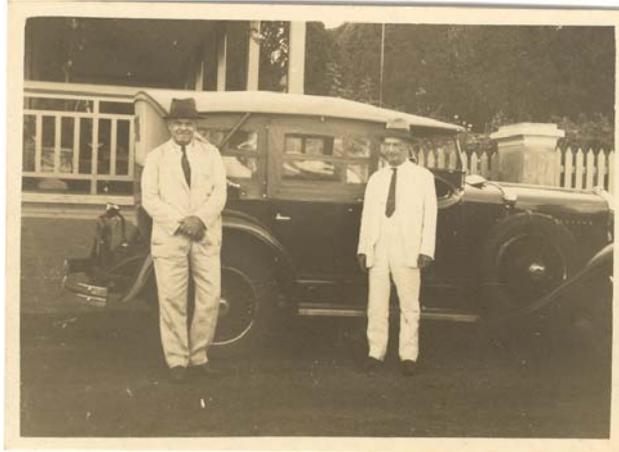
## **Conclusão**

---

A partir de meados do século XIX vimos o mundo borbulhar em transformações. A Europa burguesa passou a ditar modas, estilos arquitetônicos, comportamentos e inovações tecnológicas que logo foram introduzidas no Brasil. O ideário burguês, que pregava conceitos de privacidade, racionalidade, funcionalidade e conforto e colocava a família no centro da vida e dos valores a serem estimulados, influenciou profundamente os modos de viver e de morar em nosso país.

A elite cafeeira, objeto do nosso estudo aderiu totalmente a esse ideário e levou as inovações para suas casas rurais. Na análise da Fazenda São Roberto constatamos que a fazenda passou por várias adaptações até chegar ao padrão burguês, e que seus proprietários não mediram esforços para tais realizações.

Dessa forma, concluímos que a elite cafeeira, aqui representada pela família Camargo, não repugnou as inovações trazidas pela indústria, e sim aderiu a elas com o intuito de melhorar sua produção, e conseqüentemente, sua moradia e seu modo de vida.



José Franco de Camargo (a esquerda), por volta de 1940, na fazenda São Roberto. Nesta imagem constata-se o convívio entre a elite cafeeira e as inovações tecnológicas, no caso o automóvel. (Fonte: arquivo particular da família Camargo)



Fachada do casarão de José Franco construído em São Paulo na avenida Angélica. Projeto de Ramos de Azevedo. Não se poupava esforços para se adequar ao padrão burguês de morar. (Acervo Particular)



Interior Casarão Av. Angélica. No sofá José Franco de Camargo.

## Referência

---

- BENINCASA, Vladimir. **Velhas Fazendas: arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830-1930**. São Carlos/São Paulo: Edufscar/Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- CERIBELLI, Daici. **Os signos da modernidade nos cafezais**. São Paulo:USP, 1994, Tese (doutorado).
- CORREIA, Telma de Barros. **A construção do habitat moderno no Brasil - 1870 -1950**. São Carlos: Rima, 2004.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Senzala à Colônia**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.
- GUERRAND, R-H. **Espaços privados**. In: PERROT, M. (org.) História da vida privada. V. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 325-411.
- HALL, Catherine. **Sweet home**. In: História da Vida Privada. V.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HOMEM, M. C. N. **O palacete paulistano: 1867-1918**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LEMOS, Carlos. **Casa Paulista**. São Paulo: Edusp, 1999.
- PERROT, M. **Maneiras de Morar**. In: PERROT, M. (org.) História da vida privada. V. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 307-323.
- RYBCZYNSKI, W. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SILVA, Sérgio. **Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa Omega, 1995.